

**Superintendência de Vigilância em Saúde – SUVISA**  
**Gerência de Vigilância e Controle de Doenças Transmissíveis – GEDT**  
**Assessoria em Vetores, Zoonoses e Fatores Ambientais – AVET**

## **NOTA INFORMATIVA**

### **(1º de junho de 2016)**

## **Raiva humana: uma década sem registro da doença em Alagoas, mas não podemos relaxar**

O último caso de raiva humana em Alagoas foi registrado em 2006, do município de Marechal Deodoro. São dez anos livres da doença graças ao trabalho contínuo e efetivo dos profissionais de saúde, com foco na profilaxia e vigilância do agravo: a exemplo do alcance das coberturas preconizadas nas campanhas anuais de vacinação canina e felina, da descentralização do serviço de profilaxia humana (vacinação) e da atualização de profissionais médicos e enfermeiros. Devendo-se ressaltar como relevante para esse resultado positivo a adesão maciça da população alagoana às campanhas de vacinação animal e a procura imediata por atendimento no caso de agressões por animal mamífero.

### **O caso Roraima**

Não podemos nos acomodar. O fato de estarmos todo esse período sem casos não significa que o vírus não está circulando em nosso meio de forma silenciosa. Exemplo recente, que nos deixa em situação de alerta, é o caso de Roraima que depois de aproximadamente 30 anos sem raiva humana, registrou o um caso que veio a óbito no Hospital Geral de Roraima. Conforme noticiado, o adolescente de 14 anos contraiu a doença após ser mordido por um filhote de gata que havia sido adotada pela família. Após análise laboratorial ficou confirmado que o filhote contraiu o vírus de um morcego.

É uma situação atípica já que se tratava de um animal aparentemente insuspeito, pois não tinha contato com outros animais e nem saía às ruas. Mas é essa situação de aparente “normalidade” que preocupa, pois, conforme relato da mãe, o gatinho já apresentava sintomas típicos da raiva, como salivação excessiva, agressividade e sem querer se alimentar ou beber água.

### **Sobre a raiva humana**

A raiva é uma zoonose, causada por um vírus que pode infectar qualquer mamífero. A transmissão da doença se dá pela penetração do vírus contido na saliva do

animal infectado, principalmente pela mordedura, arranhadura da pele e lambedura de mucosas, promovendo a penetração do vírus no organismo que se multiplica no local do ferimento, atinge o sistema nervoso periférico e, posteriormente, o sistema nervoso central. A partir daí, dissemina-se para vários órgãos e glândulas salivares, onde também se replica e é eliminado pela saliva das pessoas ou animais infectados.

Os principais reservatórios do vírus da raiva encontrados no Brasil são cães e gatos, morcegos hematófagos e não hematófagos, saguis, cachorros do mato, raposas, guaxinim, macacos entre outros animais selvagens.

Nos cães e gatos a eliminação de vírus pela saliva ocorre de 2 a 5 dias antes do aparecimento dos sinais clínicos, persistindo durante toda a evolução da doença. A morte do animal acontece, em média, entre 5 a 7 dias após a apresentação dos sintomas. Em relação aos animais silvestres, há poucos estudos sobre o período de transmissibilidade, que pode variar de acordo com a espécie. Por exemplo, especificamente os quirópteros (morcegos) podem albergar o vírus por longo período, sem sintomatologia aparente.

A imunidade é conferida por meio de vacinação, acompanhada ou não por soro; dessa maneira, pessoas que se expuseram a animais suspeitos de raiva devem receber o esquema profilático, assim como indivíduos que, em função de suas profissões, se mantêm constantemente expostos.

### **Cuidados**

- Vacinar cães e gatos, nas campanhas anuais;
- Assumir como conduta a posse responsável de animais.
- Castrar os animais de estimação, evitando a prenhez indesejável.
- Garantir a observação por 10 dias de qualquer animal agressor (quando o animal for de rua, verificar se o mesmo é realmente de rua ou se tem dono, de modo a efetivar a observação);
- Estar atento ao comportamento do animal, observando atitudes diferentes, mesmo que não tenha sido agredido por outro;
- Não matar o animal agressor;
- Procurar orientação junto ao Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) em Maceió ou em Arapiraca;
- Procurar os serviços de saúde para orientação sobre indicação e vacina ou soro, bem como sobre os cuidados com o animal suspeito.

### **Iniciativas e medidas a serem adotadas por gestores e equipes de saúde**

- Garantir a realização da campanha anual para vacinação contra a raiva de cães e gatos.
- Garantir a atualização permanente e continuada dos profissionais sobre o diagnóstico, tratamento e vigilância da raiva humana, inclusive para desmistificar conceitos relativos.
- Articular pessoas, órgãos, instituições com vistas ao desenvolvimento de ações e iniciativas voltadas à vigilância e controle da raiva humana;
- Divulgar informações por diferentes meios de modo a orientar a população quanto à:
  - ✓ Gravidade da doença e de qualquer tipo de exposição a um animal suspeito;
  - ✓ Necessidade de atendimento imediato quando de contato com animal suspeito;
  - ✓ Medidas auxiliares relativas às pessoas expostas e/ou agredidas;
  - ✓ Identificação dos sintomas de um animal suspeito;
  - ✓ Comunicação aos serviços de vigilância epidemiológica/ambiental;
  - ✓ Desmistificação de ideias preconcebidas sobre reações adversas relacionadas aos imunobiológicos utilizados na profilaxia da raiva humana;
  - ✓ Responsabilidade do paciente com o cumprimento do esquema completo indicado e em tempo oportuno, visando a diminuição do abandono e do risco de ocorrência de casos.

#### **Nota:**

**Para informações e esclarecimentos adicionais, contatar o Núcleo de Zoonoses através do telefone 3315-1669 e pelo endereço eletrônico [zoonoses@saude.al.gov.br](mailto:zoonoses@saude.al.gov.br).**